



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.15, n.29, e202361625, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361625

Dossiê

Memórias: um olhar sobre a escola e os saberes do povo Kalunga

Memories: A look at the school and wisdom of the Kalunga people

Memorias: una mirada hacia la escuela y los saberes del pueblo Kalunga

Deise Nanci de Castro Mesquita 

Universidade Federal de Goiás, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: mesquitadeise@ufg.br

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Convidados

Cinthia da Silva Belonia
Guilherme de Sousa Bezerra
Mariana Dias
Renata Gomes
Sheila Ribeiro Jacob

Recebido: 0103/09/2023

Aceito: 27/10/2023

Como citar:

MESQUITA, Deise.
Memórias: um olhar sobre a escola e os saberes do povo Kalunga. *Revista Mulemba*, v.15, n.29, e202361625, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361625>

RESUMO

Tomando “Náusea”, do angolano Agostinho Neto, como tela de fundo, este texto descreve uma viagem realizada no nordeste goiano, mais especificamente nos municípios de Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Cavalcante, onde foram visitadas escolas Kalunga e entrevistadas algumas representantes de suas comunidades, que narram histórias de resistência pela preservação de suas culturas ancestrais, em meio a lutas e conquistas pela institucionalização de uma educação formal, pública e gratuita em seus territórios. São crônicas recontadas a partir do olhar de uma “estrangeira”, não Kalunga, que, no intuito de se equivocar menos nas observações, comentários e análises sobre o que vê e ouve, busca respaldo documental em fotografias, filmagens e falas coletadas durante três breves dias de jornada por Vãos de um preservado Cerrado, onde, há séculos, povos africanos e seus descendentes buscam refúgio e liberdade. Pelo veio da memória, o conto guia a compreensão de que a lembrança pode causar dor, mas é imprescindível para a justiça e o Bem Viver.

Palavras-chave:

escola, cultura, saberes, memória e Kalunga.



ABSTRACT

With “Nausea”, by the Angolan Agostinho Neto, as a backdrop, this text describes a trip through the northeast of Goiás/Brazil, in the municipalities of Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás and Cavalcante, during which Kalunga schools were visited and some community representatives were interviewed. They tell stories of resistance in order to preserve their ancestral culture, amidst struggles and conquests for the establishment of free, public and formal education in their territories. These are chronicles recounted from the perspective of a “foreigner”, a non-Kalunga, who, in order to equivocate less in the observations, comments and analyses of what was seen and heard, uses documentary support in the form of photographs, filming and speech collected over three short days of journeying through the Vãos (gaps) of a preserved biome Cerrado, where, for centuries, African peoples and their descendants have sought refuge and freedom. By means of memory, the tale leads to an understanding that reminiscences may cause pain, but they are essential for justice and Well-being.

Keywords:

School, culture, wisdom, memory and Kalunga.

RESUMEN

Tomando “Náusea”, del angolano Agostinho Neto, como fondo de pantalla, este texto describe un viaje realizado en el nordeste de la provincia de Goiás/Brasil, más específicamente en los municipios de Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás y Cavalcante, donde fueron visitadas escuelas Kalunga y encuestadas algunas representantes de sus comunidades, que narran historias de resistencias por la preservación de sus culturas ancestrales, en medio a luchas y conquistas por la institucionalización de una educación formal, pública y gratuita en sus territorios. Son crónicas recontadas a partir de la mirada de una “extranjera”, no Kalunga, que, en el intuito de equivocarse menos en las observaciones, comentarios y análisis sobre lo que ve y oye, busca respaldo documental en fotografías, grabaciones y hablas colectadas durante tres breves días de jornada por Vãos (brechas) de un preservado Cerrado, donde, hace siglos, pueblos africanos y sus descendientes buscan refugio y libertad. Por los velos de la memoria, el cuento guía a la comprensión de que el recuerdo puede causar dolor, pero es imprescindible para la justicia y el Bien Vivir.

Palabras-clave:

Escuela, cultura, saberes, memoria y Kalunga.

A cosmologia Kalunga

De repente, olhou para longe e disse ao sobrinho, estendendo o braço:

— O mar. Mu'alunga!

O sobrinho olhou para ele esperando mais alguma coisa, sem compreender o significado que o tio queria dar àquela palavra. Porém, ante o silêncio do tio, desviou a atenção.

Velho João já olhava de novo a areia e monologava intimamente: Mu'alunga. O mar. A morte. Esta água. Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora. Vai até à América. Por cima, azul, por baixo, muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões.

(...) Depois vieram os navios, saíram os navios. E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.

Náusea, Agostinho Neto

Neste texto, Kalunga será sempre escrito com K, inicial maiúscula e no singular, para marcar o sentido que consegui abstrair do nome dado aos povos e seus descendentes vindos de África para o Brasil que, fugindo da subjugação e da morte, passaram a povoar a região da Chapada dos Veadeiros, no nordeste goiano, há mais de trezentos anos. Com K para diferenciar de “calunga”, palavra com significado pejorativo, equivocado, desviado de seu original pelos colonizadores portugueses, tentando fazer crer que os negros eram inferiores e insignificantes; com a primeira letra capitular por se tratar de um substantivo próprio, o título de uma entidade específica, o vocábulo que designa um povo; e sem flexão no plural, por se tratar de um coletivo que simboliza a comunidade feita com os diversos, em unidade, um porque há mais de um, um como parte do todo, do universo, do cosmos.

Mas, antes ou para além dessas, há outras razões que justificam e dão sentido a este pujante nome. Para os grupos de etnia Banto capturados no Congo e em Angola, por exemplo, Kalunga era uma palavra ligada às suas crenças religiosas, que se referia ao mundo dos antepassados e de onde vinha toda a força de seu povo, um símbolo de realeza e de poder dos ancestrais. Parte dessa cosmovisão aparece no conto de Agostinho Neto, “Náusea” (1980), quando menciona o *Mu'alunga*, “o mar” que vai “muito longe, por aí fora”, por onde homens são arrastados “à América” e, “por baixo, muito fundo, negro”, engolidos por “monstros”, “tubarões”; e que é assim descrita em “Uma história do Povo Kalunga”:

Para eles, o mundo era representado como uma grande roda cortada ao meio e em cada metade havia uma grande montanha. Numa metade da roda, o pico da montanha ficava virado para cima. Mas na outra metade a montanha estava invertida, de cabeça para baixo. De um lado da roda, a montanha de cima representava o mundo dos vivos. De outro, a montanha de ponta cabeça representava o mundo dos mortos, terra dos ancestrais. As duas montanhas eram separadas por um grande rio que eles chamavam de Kalunga. Por isso, para eles, Kalunga era o nome desse lugar de passagem, por onde os homens podiam entrar em contato com a força de seus antepassados. (MEC, 2001, p. 31-32)

Esta compreensão também parece poder explicar o porquê da identificação desses remanescentes quilombolas com a região de Goiás, onde a princípio foram obrigados a se esconder; e a forma de vida que mantêm até hoje. Naquele tempo, a Chapada dos Veadeiros era um lugar quase inacessível, o que, obviamente, retardava a chegada de seus perseguidores. Os locais escolhidos pelos grupos à época eram inóspitos, sempre provisórios, pois eram constantemente forçados a se retirarem em fuga, eram um mar de serras e morros cheios de buritis, rodeados por encostas íngremes, com caminhos estreitos em curvas que subiam e desciam e iam de encontro com paredões de pedra que caíam nas terras baixas dos vales, como muralhas impossíveis de ultrapassar. Mas agora, mesmo intactos, esses lugares se tornaram familiares, são apenas Vãos, em encostas e vales, que se espalham pelas serras em volta de um grande rio, o Paranã, Kalunga que os mantém unidos a tudo que é vivo e que contribui para manter a vida, na terra e no céu, na água e no ar.



Figura 1 – Rio Paranã, no município de Teresina de Goiás.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Simbolicamente, dia a dia, ressignificam a ancestral cosmologia do *Mu'alunga*, antes Kalunga “morte”, “inimigo”, quando “vieram os navios, saíram os navios” e “tinha levado o avô para outros continentes”, para o “trabalho escravo”. Agora, Kalunga vida, que protege do branco, que defende da morte, que rega o trabalho livre e que acolhe em nova Pátria, no majestoso bioma Cerrado, no Centro-Oeste do Brasil.

Mas um dia esses africanos foram aprisionados e trazidos para o Brasil como escravos, atravessando um grande rio, calunga grande, o mar oceano. Então, para eles, a morte passou a ter outro sentido. A morte era um sentimento. O sentimento que os escravos traziam na alma, depois de terem perdido sua liberdade. Por isso eles passaram a chamar de malungos todos aqueles que consideravam como seus irmãos, sobretudo os que tinham vindo juntos da África. Eles eram irmãos porque tinham um mesmo destino. Porque era no mesmo barco, o navio negreiro, que eles tinham feito a travessia da calunga grande. Não era de estranhar que eles aceitassem o nome de calungas que os brancos lhes davam. No entanto, no quilombo da região da Chapada dos Veadeiros, os antigos escravos africanos encontraram de novo o sentido da força que está na palavra Kalunga. Ali, o grande rio Paran, atravessando todo o território que eles ocupavam, era o que protegia o quilombo do resto do mundo do branco. As terras banhadas por suas águas eram o que permitia a cada um continuar vivo. Ali eles estavam defendidos da morte, que seria certa se tivessem que voltar a ser escravos. O Paran podia ser, como na África, o rio que separa a vida e a morte. (MEC, 2001, p. 32)

Assim, a cada fuga e nova paragem, esses bravos guerreiros foram aprendendo a conviver pacificamente com algumas etnias indígenas que também se escondiam dos colonizadores por ali, se espalhando por toda aquela terra, inclusive formando novos grupos familiares. E hoje, após persistentes lutas, conseguiram se estabelecer nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás, territórios titulados pela Fundação Cultural Palmares (FCP) no ano de 2000 como Sítio Histórico e Patrimnio Cultural pelo Estado de Goiás, mas somente reconhecido por Decreto Presidencial em 2009.



Figura 2 – Território Kalunga no município de Cavalcante.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

E é também neste Cerrado, que tanto os Kalunga cuidam de preservar, que existe uma planta também de nome calunga, que torna sagrada a terra onde nasce, pois ali o terreno nunca se seca, indicando que o lugar é propício para plantar o alimento que sustentará a vida da comunidade. Por isso, essa terra não pode pertencer a uma família apenas, mas deve ser de todas, pois é dela que se servirão em momentos de precisão. Esta singela manifestação da natureza, aparentemente inferior e insignificante, tal como queriam fazer crer os colonos sobre os escravos, lembra a necessidade da união e da solidariedade, marca a realeza africana sustentada pela força dos ancestrais, é o símbolo da dignidade do negro e da grandeza do povo Kalunga.



Figura 3 – Território Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A escola Kalunga

Para trazer ao palco parte da história recente desse resiliente povo, a seguir são apresentados alguns relatos de uma breve viagem realizada nesses três territórios do Sítio Histórico Kalunga, quando foi possível dialogar com uma respeitada anciã e uma jovem gestora, para ouvir suas narrativas sobre como a escola chegou à comunidade e como tem sido o processo de aliar o ensino formal regido pelas diretrizes curriculares da Secretaria do Estado da Educação (SEDUC) aos saberes e fazeres que consolidam a história, a língua, os costumes, as festas e a identidade desses remanescentes afrodescendentes e indígenas, traduzidos no Projeto Político Pedagógico (PPP) das unidades escolares de Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Cavalcante.

A educação formal, com seus conhecimentos científicos, é também um tesouro muito caro à comunidade Kalunga. Em visita às suas casas, é possível identificar na singeleza das paredes de adobe ou taipa, rebocadas de cimento ou não, fotos dos filhos, netos, bisnetos, tataranetos, afilhados... vestidos com a beca e o capelo de formatura escolar no ensino médio. Sem exceção, quando instados a comentar sobre os quadros, com simplicidade e orgulho, mencionam que esses jovens se formaram em escolas Kalunga da própria comunidade e que alguns deles seguem seus estudos em Cursos de Graduação nas Licenciaturas, em Educação do Campo, Pedagogia, História, Geografia etc., e em Bacharelados relacionados principalmente a questões ambientais, agrárias e rurais; e que outros, inclusive, já atendem a Programas de Pós-graduação em nível de especialização e mestrado, a distância ou presencialmente, não só em Goiás, mas no Distrito Federal, Tocantins e Rio de Janeiro.

No entanto, a mais ilustre e titulada Kalunga não frequentou escolas de educação básica ou universidades, e só conheceu e visitou uma cidade pela primeira vez aos 50 anos de idade. Trata-se da Doutora *Honoris Causa* Procópio dos Santos Rosa, a matriarca quase centenária Iaiá, cujos avós, pais e filhos, como ela, também nasceram e, enquanto vivos, se mantêm intrinsecamente conectados àquelas terras à margem direita do Rio Paranã, em Monte Alegre de Goiás. Sua liderança advém do reconhecimento por suas aguerridas lutas pela defesa, manutenção e desenvolvimento do território: contra a ameaça da implantação de usina hidrelétrica que poderia inundar o local; na busca pela titulação das terras onde há séculos vivem, plantam e preservam, e que grileiros recém-chegados querem apossar e explorar; na construção de escolas, contratação de professores e melhorias nas condições e permanência desses profissionais nos locais de trabalho; pela chegada da rede de energia elétrica, de Internet e de água encanada nas comunidades; na garantia do funcionamento local de Unidades Básicas de Saúde (UBS) equipadas com ambulância e equipes do Programa de Atendimento Familiar Domiciliar, entre outros. O título foi concedido

pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Campos Belos que, por essas e outras razões, reconheceu a notória atuação de Dona Procópio na defesa do meio ambiente e na promoção da paz entre os povos.



Figura 4 – Guerreira Iaiá: parteira, rezadeira e dançadeira de súaia.
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A conversa longa e pausada aconteceu no alpendre de sua casa, que fica ao lado do Museu Iaiá Procópio, organizado e mantido em sua homenagem pela neta Lourdes Fernandes de Souza, popularmente conhecida como Bia Kalunga. Lucidamente, recordou fatos sobre as inúmeras vezes que participou, “junto com o Durval, da Associação”, das discussões e confrontos com representantes dos Municípios e do Estado, pelo inalienável direito de os territórios Kalunga receberem suas próprias escolas, ao invés de terem suas crianças e jovens deslocados para as cidades. Essa batalha foi inicialmente vencida em 1990, com a construção da primeira escola “de palha”! Uma alegria só! “Das crianças, foi tudo!”, pois, antes, só os “maiores” é que aprendiam a “ler, escrever e fazer contas”, orientados por pessoas alfabetizadas que passavam pelas comunidades uma vez ou outra, ou quando algum deles se dispunha a enfrentar horas de caminhada ou o distanciamento do convívio familiar, em escolas distantes, fora da comunidade.



Figura 5 – Museu Iaiá Procópio.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Iaiá lembra que, depois de muita luta, sem que ninguém fosse comunicado, pois “ninguém sabia se vinha”, “quando deu fé, eles chegaram”, “de canoa!”, “saíram carregando palha de tudo quanto foi lugar, madeira...” e “arrumou o colégio tudo”. Daí, veio “a secretária”, mandaram também “as professoras”, que “vinham de Monte Alegre, Campos Belo...”, mas “não tinha sela, não tinha cavalo, não tinha colchão, não tinha cama, não tinha nada! Só o colégio mesmo”. Depois, “tudo foi acabando, tudo foi acabando...”, até que o colégio virou uma bagaceira”, sem condições de acolher as crianças para as aulas e abrigar as professoras que tinham que ficar por meses lá, naquele mesmo espaço, sem ver suas famílias. Persistiram na troca do telhado utilizando as palhas que conseguiam arrancar de seus terrenos, até que se esgotaram, e seguiram abrigo das professoras que bravamente resistiam, em suas próprias casas.

Enfim, depois de muita labuta, em reunião da comunidade, decidiram que ela mesma iria até Goiânia para falar com a Secretária de Educação, levando fotos, “um quadro da escola esbagaçada”. E, durante o encontro com essa autoridade, falou que “não queria mais escola de palha, queria de telha, porque não tinha palha mais para cobrir”. E conseguiram, primeiro uma, depois outra e outras... dezoito escolas de ensino fundamental e médio, no Sítio Histórico Kalunga, hoje. E, apontando para a escola de alvenaria situada em frente à casa, onde primeiro se avista um majestoso Jacarandá em flor, concluiu: “das crianças, foi tudo estudando, tudo crescendo, de pouquinho em pouquinho... a metade foi saindo...” e, como a neta, “depois que estudou um bocadinho, quando já estava mocinha, foi para Campos Belo e estudou quatro anos lá”, e quando “viu que não estava bom, foi para Brasília, acabar de formar lá”. Assim, hoje, a exemplo da neta, outros jovens se formam e são os profissionais que prestam concursos para os cargos de professores e gestores, que são aprovados e contratados, que retornam e seguem na luta pela adequação do ensino formal à realidade rural e étnica dos Kalunga, com suas experiências e histórias, na terra conquistada e abençoada por seus antepassados.



Figura 6 – Colégio Kalunga II – Monte Alegre de Goiás.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O PPP “Caminhando para o futuro”, 2023, de onde são retirados alguns excertos também explanativos desse processo, que são apresentados a seguir, foi disponibilizado por esta neta, a gestora Bia Kalunga, a responsável pela direção do Colégio Estadual Quilombola Kalunga II, sede da unidade de Monte Alegre de Goiás e de suas extensões em Bom Jardim, Tinguizal, Barra, Areia, Saco Grande, São Pedro, Carolina e Sucuri, totalizando nove escolas. Trata-se, pois, do PPP que vem sendo construído

e atualizado anualmente pelos representantes apenas desta unidade. Não obstante, de certa forma, o documento reflete a compreensão do fazer escolar Kalunga como um todo, pois foi somente a partir de 2021, por meio de reuniões realizadas nas comunidades com o apoio de suas associações, que a direção das escolas pertencentes às três unidades foi desmembrada, possibilitando a aproximação do processo gestor aos anseios dos moradores locais. Em suma:

A construção do Projeto Político Pedagógico é o caminho para formarmos o alicerce da nossa Instituição. Mais do que um instrumento legal, esse estudo visa organizar o universo escolar para melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem e nas relações escolares desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio.

Para tanto, o PPP deverá ser o fio condutor numa trajetória democrática e educacional, estando de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Escolar Quilombola, Documento Curricular para Goiás (DC/GO) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

A escola é pautada por legislações, métodos, conteúdos, clima organizacional e currículos. Ocorre que nenhum desses elementos fará sentido se não deixarmos óbvio os objetivos propostos, os hábitos e valores, as competências e habilidades que desenvolveremos em todos os níveis de forma transdisciplinar, as formas de ação e estrutura de cada unidade de ensino, repensando e ressignificando constantemente a nossa identidade sociocultural, seja na questão escolar ou social.

É, portanto, fundamental que se conheça a realidade social na qual a escola se insere, as famílias e a comunidade envolvidas no processo, e os aspectos culturais, visto que esse conjunto de fatores está diretamente ligado ao modo com que alunos e pais se relacionam com a escola e influencia na aprendizagem. (PPP, 2023, p. 7-8)

Em suas próprias palavras, o “trabalho árduo” de atendimento aos objetivos previstos no PPP se materializa nos “Planos de Ação” desenvolvidos ao longo do ano letivo, que são construídos e reformulados constantemente com vistas a “conciliar as relações sociais e políticas internas e externas” ao quilombo. Afinal, há uma Resolução que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica organizadas em um ensino fundamentado, informado e alimentado *na memória coletiva, nas línguas reminiscentes, nos marcos*

civilizatórios, nas práticas culturais, nas tecnologias e formas de produção do trabalho, nos acervos e repertórios orais, nos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país e na territorialidade (Resolução nº 8, de 20 de Novembro de 2012), e que, a exemplo das escolas não quilombolas, estão submetidas a uma avaliação da aprendizagem conforme os parâmetros do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações, calculados a partir dos dados sobre aprovação escolar obtidos no Censo Escolar e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Assim, não parece ser aleatório o fato de que esteja previsto, na seção 18.1 do Mapa de Ação constante do PPP de 2023, o Projeto Jovem de Futuro (GO2).

Seus objetivos são:

1. Garantir a Aprendizagem.
2. Reduzir as desigualdades de aprendizagem.
3. Mitigar o abandono e a evasão.
4. Reduzir as desigualdades.
5. Garantir a aprendizagem.

Suas tarefas incluem:

1. Levantamento dos estudantes com baixo rendimento nas habilidades em Língua Portuguesa, conforme os descritores críticos detectados nas avaliações diagnósticas (SAEGO 2022); planejamento semanal com os professores, inserindo nos planos os descritores críticos; técnicas de redação; e aulas interativas envolvendo aulas práticas em redação, literatura e gramática.
2. Levantamento dos estudantes com baixo rendimento nas habilidades em Matemática, conforme os descritores críticos detectados nas avaliações diagnósticas (SAEGO 2022); análise dos descritores críticos e planejamento coletivo com os professores de área (semanalmente); aulas semanais, teóricas e práticas trabalhando os descritores críticos, conforme as avaliações diagnósticas SAEGO; aplicação e correção de um simulado nas áreas de matemática e ciências da natureza, para analisar se houve compreensão das habilidades previstas em cada objeto de conhecimento/conteúdos trabalhados; e reunião do grupo gestor e professores de matemática, para avaliar e registrar o desempenho da ação (Matemática do Cotidiano).
3. Levantamento dos alunos infrequentes, entrando em contato com os responsáveis; visita domiciliar, caso não retornem ao primeiro contato; acolhimento

individual e coletivo com roda de conversa, conscientizando sobre a importância dos estudos na vida de cada indivíduo; conexão com os alunos e construção de relacionamento para entender a raiz do problema ou a causa da baixa frequência; busca ativa (Dia D) para conscientizar os pais e responsáveis em relação a sua participação e responsabilidade no desenvolvimento do ensino aprendizagem dos filhos; e fazer com que o aluno entenda a importância de estar na escola, a importância de estudar e o quanto ele é importante.

4. Palestras de lideranças em combate ao racismo; apresentações de produções e narrativas de pessoas negras: autores, diretores de filmes e cantores; rodas de leitura com autores e histórias negras; desfile, comidas típicas, danças e grupos de alunos cantando curraleiras.
5. Coletivo para tratar das demandas das atividades da escola itinerante; definição de tarefas dos grupos de folia, de rezas, de capoeira, balé, teatro; ornamentação da escola itinerante; organização das vestimentas, ensinos, escolhas de músicas; parte teóricas, entrevistas e registros com os mestres da comunidade para definir sobre a temática reza ou folia; e reflexão sobre o meio ambiente e como é descartado o lixo produzido no evento.

Seus resultados preveem:

1. Aumento em 30% do hábito pela leitura, interesse em interpretação textual; compreensão das habilidades com crescimento da proficiência em 10% nas avaliações.
2. Compreensão das habilidades com crescimento da proficiência em 15% nas avaliações.
3. Garantia do retorno de 100% dos alunos evadidos e faltosos.
4. Conscientização dos alunos, erradicação do racismo em 100% dentro da escola e na comunidade.
5. Preservação da cultura local, desenvolvimento crítico dos alunos e formação de pessoas multiplicadoras dos saberes e fazeres Kalunga.

Mas como aliar esses saberes Kalunga e suas questões locais aos conteúdos formais exigidos no currículo escolar de educação básica, que ditam os parâmetros avaliativos oficiais, sem desprezar as condições das quais emergem esses resultados? Como evitar que esse modelo quantitativo de monitoramento e de gerenciamento humano seja mais considerado do que todo o potencial pedagógico e cognitivo dos alunos, professores e gestores? Como enfrentar o desafio de planejar roteiros que possam ser desenvolvidos em cinquenta minutos, em salas multisseriadas que exigem a atenção de um só professor a grupos de alunos de 1º, 2º e 3º anos, de 4º e 5º anos, de 6º e



Figura 8 – Livros literários em escola Kalunga.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A afrobetização Kalunga

O termo “afrobetização” não consta do documento, mas foi utilizado pelo Kalunga Prof. Me. Tales Damascena de Lima, durante sua participação em uma Roda de Conversa intitulada “Práticas Escolares Quilombolas”, durante o VII Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! / II Ciclo Internacional de Debates, em setembro de 2023. A íntegra de seu diálogo com a Profa. Dra. Kalyna Ynanhiá Silva de Faria está disponível para acesso gratuito no canal oficial da TV UFG, no *Youtube*, pelo *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=AuGIPLo3tAA>.

Para apresentar a sua compreensão de escola Kalunga e explicar a sua prática *afrobetizadora*, Tales inicia dizendo que se trata de um espaço onde não há distinção entre o dentro e o fora da sala, o ambiente formal e informal de aprendizagem, quem é o responsável por ensinar e quem vai aprender, para que se deve explicar e o que se pode fazer com isso fora dali, no existir cotidiano. *Escolar-se* é apenas mais um jeito do Kalunga ir se constituindo em “compartilhante”. Assim expressa o poeta, escritor, relator de saberes, lavrador de palavras e liderança quilombola, Nego Bispo, quem cunhou essa “denominação”:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram. Na Caatinga, os umbuzeiros nos recepcionaram. Eles compartilharam seus frutos, suas folhas e suas raízes quando chegamos, e não trouxemos nada para os umbuzeiros. Eles já eram nativos daqui, viemos habitar esta terra depois deles. Foi assim com os pássaros, foi assim com uma planta chamada pinhão – que não é o pinhão manso, é um pinhão cuidado por nós, ditos humanos, que as juritis adoram. Elas comem esses pinhões e, vez por outra, pegamos uma juriti. O pinhão compartilha com a juriti, a juriti compartilha conosco, e nós vamos compartilhar de novo com o pinhão. Agora que já estamos aqui há mais tempo, entramos também no ciclo local de compartilhamento. (SANTOS, 2023, p. 21)

A escola é, pois, apenas mais um lugar onde o Kalunga chega como habitante. É só mais um espaço a que se sente pertencente. Em seu território, aqui, ali, acolá, o Kalunga experimenta uma simbiótica relação com tudo, com as pessoas, os animais, as plantas, os minerais... No cosmos, terra e céu, água e ar, por onde circula, o Kalunga não mora, simplesmente compartilha, mantém nele e dele uma relação de pertencimento. Por isso, não vai à escola para fazer alguma coisa diferente do que já faz. Vai à escola para fazer lá, também, o que já experimenta em todo o canto por onde habita.

Fui criado brincando de fazer o que os mais velhos faziam. Eles passavam o dia no engenho produzindo rapadura, melaço, batida e beneficiando a cana-de-açúcar com tração animal. Nós, crianças, fazíamos a mesma coisa, de brincadeira. Brincávamos de farinhada e moagem, de fabricar engenho e produzir, só que os nossos bois não eram bois vivos, eram bois artesanais. Eram frutos que podíamos aproveitar, madeira do mandacaru que esculpíamos. Brincávamos de ser adultos, de fazer o que os adultos faziam. E assim aprendíamos a fazer tudo. Mas também brincávamos nos festejos feitos a partir da arte local, da arte do nosso povo. (SANTOS, 2023, p. 23-24)

Tales faz uma analogia entre a escola e a capoeira: ambas têm a ver “com jogar, viver a roda, fazer girar a vida”. Para ele, isto explica por que a Roda de Conversa é uma prática cotidiana da educação quilombola: “são momentos de compartilhamento de músicas, cantigas, corporeidades, espiritualidades...” que deixam à mostra algumas coisas que não parecem estar fisicamente presentes ali, que não parecem fazer parte do universo Kalunga, mas que existem em outros mundos. Assim é que, quando passa a habitar o espaço escolar, a criança Kalunga brinca para saber de outras coisas que acontecem fora dos quilombos, não apenas pela oralidade, mas também pela “escrituração” (SANTOS, 2023):

Na cidade, só havia a escola escriturada. Não havia outras escolas, escolas da inspiração ou da brincadeira. (...) Nesse período, de tanto brincar de fazer as coisas, fui para a escola aprender, pela escrituração, o que acontecia no outro mundo, o mundo das escrituras, o mundo de fora da comunidade. Fui para a escola escriturada para ser necessário, não para ser importante. Para poder contribuir com a resolutividade da nossa comunidade. (SANTOS, 2023, p. 12-13)

E é por esta razão que a comunidade defende e luta tanto, e há tempos, pela construção e a manutenção das escolas em seus territórios, para que todos possam ser necessários! Esta é a concepção Kalunga de saber e viver: não ser útil ou importante, mas imprescindível para a vida de todo o universo, uma parte singular de um todo ao qual é integrante. E, embora seja a proposta ancestral de complementariedade, harmonia e reciprocidade que se contrapõe à concepção de competitividade do viver bem, do ter sobre o ser, que fundamenta todos esses povos, não há como idealizar uma única escola para todas as comunidades quilombolas, tendo como objetivo apreender conhecimentos que são alheios ao necessário, para o Bem Viver de seu povo, em seu território, que se constitui no e do cosmos.

Afrobetizar-se, pois, não é se apropriar da escrita, mas acessar um outro saber, a *escrituração*, que leva à percepção dos fundamentos que regem outra racionalidade. Quem se escolariza tem o compromisso de contribuir com a *resolutividade da comunidade*, pois saber é algo e viver é ser alguém que faz falta, que precisa estar presente, do que e de quem se vai atrás. Por isso o Kalunga habita a escola, habita a universidade e volta a habitar o quilombo, para fazer girar a roda da vida: início, meio e início. Nas palavras da poeta quilombola Ana Mumbuca:

Diante de todos os desafios, a cada dia se faz necessário que os quilombolas de todo Brasil tomem consciência da neocolonização em execução. Pois a falta de compreensão e afirmação quilombada são utilizadas como estratégias pelos colonialistas e seu sistema de negação, no qual investem na afirmação para nossa autonegação da história, origem, cor, espiritualidades, e toda nossa cultura. Tiram de nós o que somos e nos deixam vazios de nós. Nisto, seremos permanentemente atacados, se não soubermos dessas estratégias de dominação, será difícil combatermos o modelo de produção colonialista que avança de forma avassaladora sobre os quilombos (...). Os ataques atingem a todos, tanto nos aspectos individual, quanto no coletivo. Os jovens estão visivelmente na mira de tais ataques colonialistas. Acredita-se no comprometimento da juventude quilombola ao adentrarmos em espaço como a academia, construirmos possibilidades e mecanismos de denúncia e confluenciamento de conhecimentos. Como defesa é preciso tornar visível, também através da sistematização acadêmica, os modos sustentáveis de existir dos povos, considerando como sujeitos que lutam na construção ou manutenção do jeito circular de existência, identificando não apenas o mestre da geração vó, mas os da geração neta também. Seguindo a luta no controle do quilombo que temos, quilombo que vamos ter e o quilombo que queremos. Defendendo o jeito quilombo de ser. (SILVA, 2019, p. 47-49)

Tal como nas escolas regulares, durante os anos iniciais do processo de *afrobetização*, as crianças Kalunga passam a identificar, nos livros, como as palavras faladas, cantadas e aquelas desenhadas em roupas, rótulos, cartazes etc. tomam forma na escrita, para também descrever fatos e narrar histórias. Daí a importância, segundo Tales, de serem disponibilizados a elas textos que têm a ver com suas vidas, obras literárias de autores não apenas brancos, mas afrodescendentes que falam em linguagens semelhantes as suas, de coisas que apresentam o mundo dos seus jeitos próprios; também, da repetição ritmada das narrativas, ditos populares, parlendas, canções, rezas, danças, jogos etc. que ajuda na memorização dos saberes, sem que

se transformem em algo meramente decorado, sem sentido ou valor; e conclui: “afinal, a cultura dita o ritmo”. De fato, é o ritmo que vem dos festejos religiosos, das celebrações pelas colheitas, dos giros de folia, com seus quinjengues, tambus, matracas, guaiás, pandeiros, violas..., que segue ecoando em seus corações, fazendo circular a roda da vida Kalunga.

Se as histórias dos tempos antigos são importantes para conhecer o povo Kalunga, tão importantes quanto elas são suas festas. Ainda hoje, como acontecia no tempo antigo, é nas festas que eles compreendem de verdade o que significa ser Kalunga. A festa é o momento do encontro, da reunião das famílias. É a hora de rever tios e primos que moram mais longe, saber de parentes que não dão notícia há muito tempo. É nas festas que as pessoas mais moças se encontram e começam namoros que podem dar em casamento. E é lá que os próprios casamentos são celebrados. Lá se batizam os filhos de moços e moças que se conheceram e se casaram nas festas de outros anos. É nas festas que as pessoas se encontram para fazer negócios. E quem nasceu na comunidade Kalunga e foi morar na cidade, ou na rua, como se costuma dizer por lá, volta para casa para aproveitar as festas. É quando se realizam as festas que as pessoas de fora, de Cavalcante, Monte Alegre, Teresina de Goiás e mesmo de mais longe, vêm conhecer o povo Kalunga. E é também nessas ocasiões que as pessoas que têm mais autoridade entre os Kalunga negociam com a gente de fora, políticos e outros agentes do governo, a solução dos problemas da comunidade. É ali que os sitiantes mais pobres e as pessoas mais importantes, os parentes mais distantes e as lideranças mais reconhecidas podem se ver como parte de um mesmo todo. É ali que eles podem sentir que pertencem de fato a uma comunidade, que fazem parte de um povo que tem uma história e uma identidade, que são alguém do povo Kalunga. É por isso que, para eles, as festas são tão importantes. (MEC, 2001, p. 49)

Como mencionado por Bia Kalunga, essas efemérides e a organização de seus festejos também ditam o “calendário sociocultural” do Plano de Ação das escolas. Nessas datas, toda a comunidade migra para os locais do evento, mas a preparação da “Escola Itinerante” se inicia com muita antecedência e se estende por quase todo o período letivo. Os grupos são divididos segundo as tarefas previstas: montagem da tenda, decoração do espaço, escolha e ensaio das músicas, danças e rezas, produção das vestimentas, preparação das comidas etc. E, para as crianças e seus familiares, uma atividade desse grandioso evento é especialmente esperado: o sarau de leitura

literária. É quando as crianças leem, narram, encenam as histórias das obras a que tiveram acesso no aconchego dos “Cantinhos de Leitura” da escola e que sempre fazem questão de levar para casa. Nesse dia, com muita reverência e gratidão, toda a comunidade celebra o esforço desempenhado pelos filhos e seus mestres.

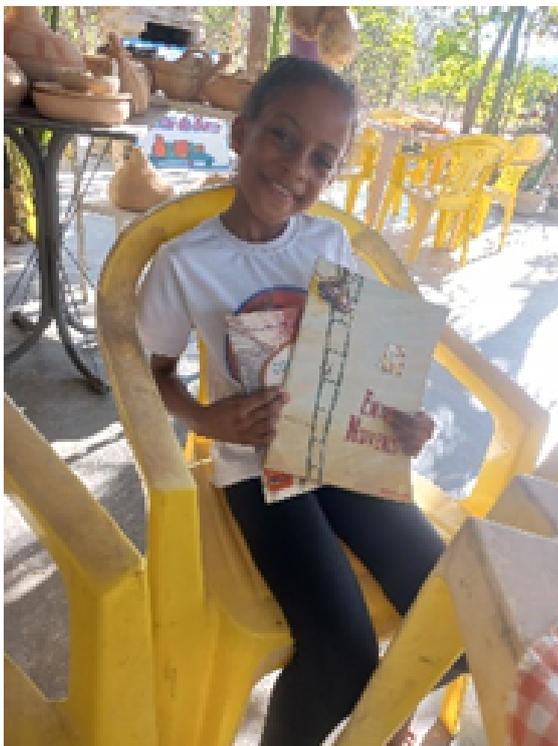


Figura 9 – Premiada leitora de escola em Teresina de Goiás.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

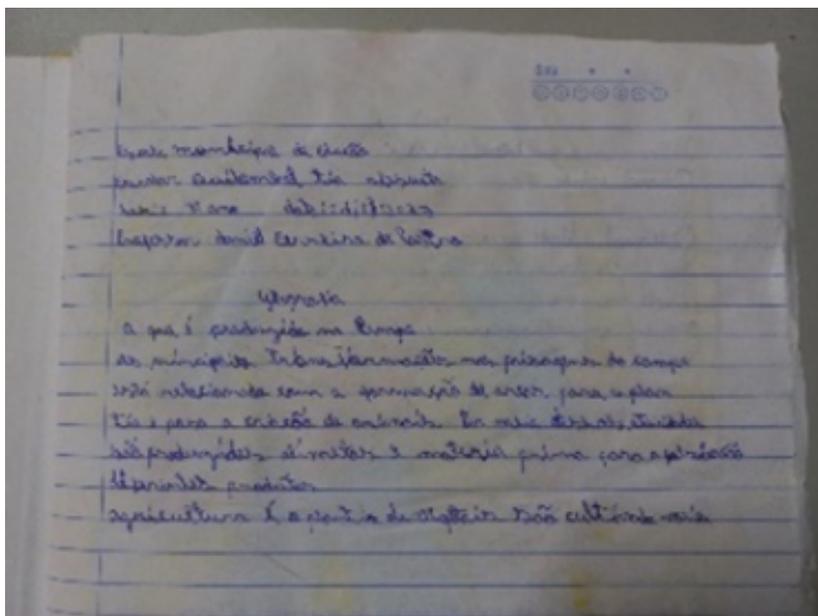


Figura 10 – Atividades escolares de crianças Kalunga.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

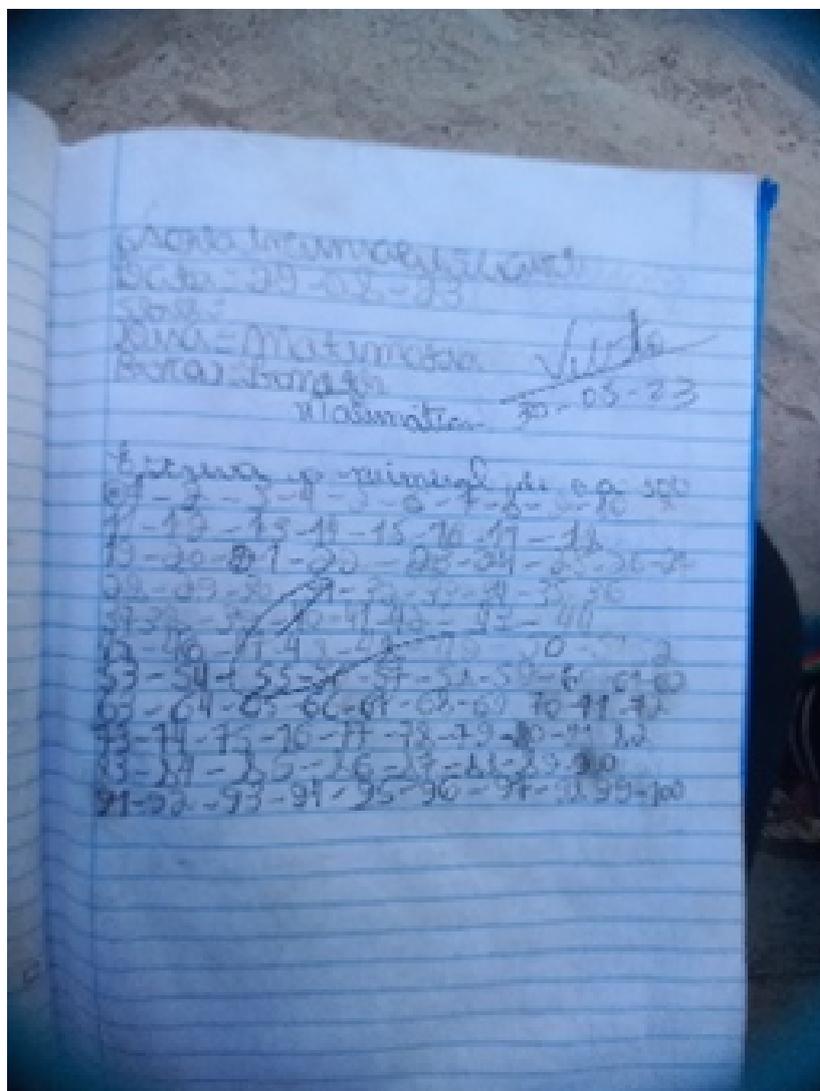
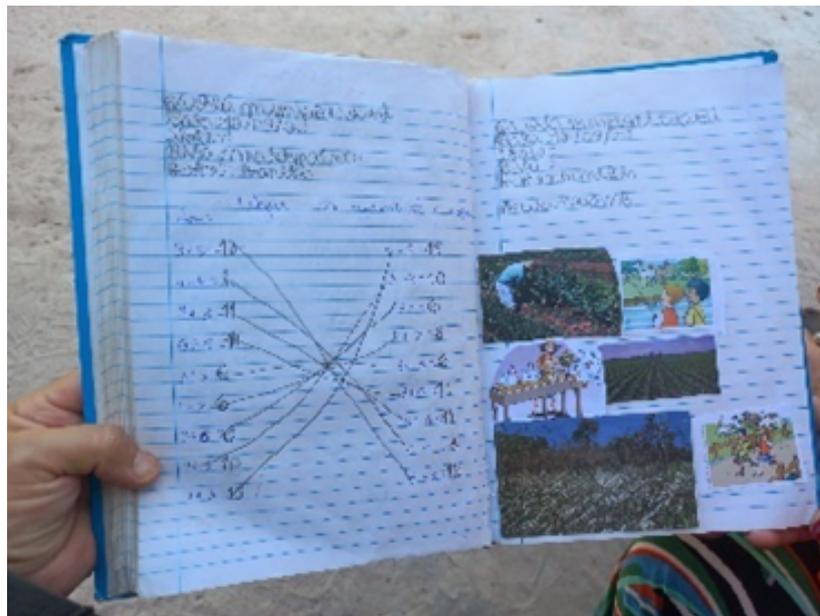


Figura 10 – Continuação. Atividades escolares de crianças Kalunga.
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

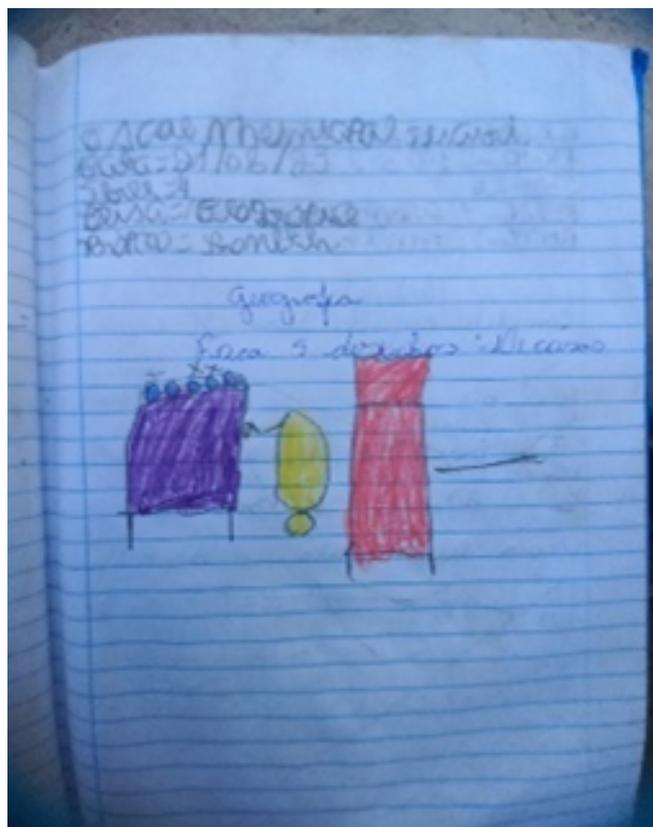
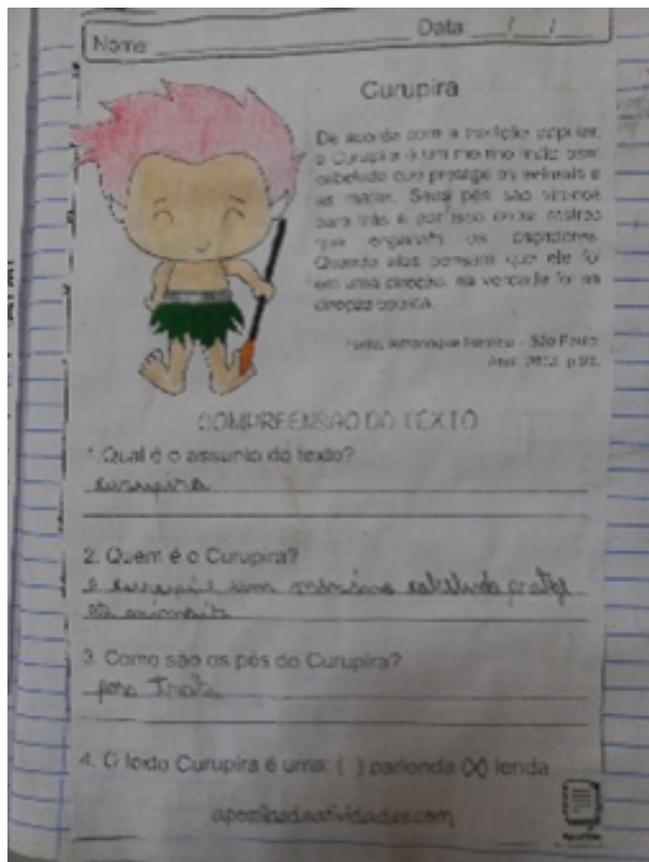


Figura 10 – Continuação. Atividades escolares de crianças Kalunga.
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A memória Kalunga

Velho João lembrou-se de que umas vezes o mar estava muito furioso, mas nunca ninguém se levantou contra ele. Kalunga matava e o povo ia chorar vítimas nos batuques. Kalunga acorrentou gente nos porões e o povo apenas teve medo. Kalunga chicoteou as costas e o povo só curou as feridas. Kalunga é a fatalidade. Mas por que foi que o povo não fugiu do mar?

Olhou para Kalunga e sentiu-se mal. Uma coisa subia-lhe da barriga ao peito. O cheiro do mar fazia-lhe mal, agora. Enjoava. Desviou os olhos de Kalunga. Estes encontraram a linda rua asfaltada, verde e negra, e lá adiante a cidade, à beira do mar, Kalunga!

Sentiu náuseas. Não podia mais. Vomitou todo o almoço.

O sobrinho amparou-o e enquanto voltava para casa, em silêncio, ia pensando na mania que têm os velhos de beber demais.

Náusea, Agostinho Neto

A conclusão do conto de Agostinho Neto, em relação à leitura de seu sobrinho sobre sua ânsia, provoca reflexão: por que será que, “em silêncio, ia pensando na mania que têm os velhos de beber demais”? A despeito dos devaneios do tio sobre o Kalunga, o mar, a morte..., por que só levar em conta um suposto mau hábito injustificado de ele se embriagar? Será que o jovem desconhece a cosmologia Kalunga? Não sabe sobre a história nefasta de escravidão a que seus ancestrais foram submetidos? Serão esses fatos uns daqueles “fantasmas” que as famílias “guardam em seus armários”, para supostamente evitar a vergonha e o constrangimento? Ou há, simplesmente, um inconsciente apagamento dos fatos, por questão de sobrevivência e/ou resignação?

Para alguns, talvez, seja melhor esquecer, não guardar lembranças que causam dor. Mas será possível alcançar a justiça sem passar a limpo a história, sem identificar seus algozes, sem julgar seus atos e sem condená-los a, ao menos, reconhecer suas barbáries? Resiliência, sim, leniência não! E essas pinturas expostas nas paredes do salão de entrada da Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita, em Teresina de Goiás, permanecem gravadas lá, para que as crianças possam saber de onde vêm e quem foram os protagonistas de suas histórias, para que aprendam a reverenciar sua grandeza e apropriarem-se de sua força. Para que todos reconheçam a perversão humana, a bravura dos africanos e descendentes, e a resistência dos indígenas e de outros povos originários.



Figura 11 – Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita.
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.



Figura 12 – *Umaz vezes o mar estava muito furioso, mas nunca ninguém se levantou contra ele.*

Fonte: Pintura exposta na Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita.



Figura 13 – *Kalunga acorrentou gente nos porões e o povo apenas teve medo.*

Fonte: Pintura exposta na Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita.



Figura 14 – *Kalunga chicoteou as costas e o povo só curou as feridas.*

Fonte: Pintura exposta na Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita.



Figura 15 – *Mas por que foi que o povo não fugiu do mar?*

Fonte: Pintura exposta na Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita.

E, ainda mais, que essas memórias ilustradas em singelas pinturas sem qualquer menção de autoria sirvam para impulsionar o grito de revolta, de luta e, também, de vitória!

A nossa territorialidade passa pela tessitura de vidas que carregam a luta ancestral. Afirmamos que a resistência encontra inteiramente ligada as formas organizativas, como pilar que garante a nossa existência. Buscamos a superação do estigma de sermos identificados como descendentes de escravos, pois pertencemos aos diversos grupos de africanos livres, trazidos ao Brasil de forma covarde. Afirmamos categoricamente que não somos descendentes de escravos, pois tal afirmação nos enfraquece e condiciona a uma contínua memória do processo colonizador no qual fomos submetidos. Nenhum descendente de colonialista aceita/foram/são conceituados como descendentes de escravizadores. Por nenhuma qual razão nós povos contra-colonial, devemos aceitar tal nomeação. Temos plena consciência do ato de rebeldia e resistência dos nossos ancestrais, no qual não conformaram com as condições impostas a eles e buscaram a liberdade, andando quilômetros e quilômetros a procura do espaço de refúgio libertário, até encontrar esse lugar no qual colocaram o nome de Mumbuca, pela razão da existência da abelha nativa preta que faz sua morada na terra, assim como os mumbucas tem conectividade territorial. (SILVA, 2019, p. 45-46)

Fogo!... Queimaram Palmares, Nasceu Canudos

Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarão queimando.

Porque mesmo que queimam a escrita,
Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo
Não queimarão a ancestralidade.

Nego Bispo



Figura 16 – Estes encontraram a linda rua asfaltada, verde e negra, e lá adiante a cidade, à beira do mar, Kalunga!

Fonte: Pintura exposta na Escola Municipal de Educação Escolar Quilombola Tia Adesuita

Referências

BRASIL. MEC. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica*. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Uma história do povo Kalunga*, 2001

BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.

NETO, A. “Náusea”. *In: Estórias africanas*. São Paulo. Ática, 1980.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Quilombola Kalunga II, Monte Alegre de Goiás, 2023.

SILVA, A. C. M. *Uma Escrita Contra-Colonialista do Quilombo Mumbuca, Jalapão-To*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2019.